## **MUITO E POUCO**

**É** na bênção do “pouco” que rasgas, de imediato, a senda ideal para o sol da alegria.

**E**nquanto o “muito” é constrangido a sopesar responsabilidades maiores, no campo dos compromissos que envolvem o bem geral, podes, com o fruto do teu trabalho, semear a divina felicidade que nasce do coração.

**D**entro do “pouco” que te limita a existência, atenderás, desse modo, às necessidades que, hoje, aparentemente sem expressão, quais sementes desvaliosas, serão, de futuro, verdadeiras messes de talentos celestiais.

**É** assim que solucionarás modestas despesas de conteúdo sublime, quais sejam:

**O** copo de leite para a criança necessitada...

**A** sopa eventual para os que passam sem rumo...

**O** remédio para o doente esquecido...

**O** socorro fraterno às mães caídas em abandono...

**O** agasalho singelo aos hóspedes da calçada...

**O** prato adequado ao enfermo difícil...

**O** colchão que alivie o paralítico em sombra...

**A** lembrança espontânea que ampara o menino triste...

**O** concurso silencioso, conquanto humilde, em favor do amigo hospitalizado...

**O** serviço discreto às casas beneficentes...

**O** livro renovador ao companheiro em desânimo...

**A** gentileza para com o vizinho enjaulado na provação...

**A** cooperação indiscriminada a esse ou àquele setor de luta...

**N**ão esperes, portanto, que a vida te imponha uma cruz de ouro para ajudar e servir.

**L**embra-te de que os chamados ricos, por se encarcerarem nas algemas do “muito”, nem sempre podem auxiliar, sem delongas, presas que são de suspeitas atrozes, na defensiva dos patrimônios que foram chamados a manobrar, na extensão do progresso...

**O**ra por eles, ao invés de reprochar-lhes a hesitação e a conduta, porquanto, se tens amor, sairás de ti mesmo com o “pouco” abençoado que o Senhor te confia e, obedecerás ao próprio Senhor, espalhando, em Seu nome, a força da paz e o benefício da luz.

***Emmanuel*** Do livro: ***Religião dos Espíritos***. FEB Psicografia: ***Francisco C. Xavier***

## **GOZO DOS BENS TERRESTRES**

**711.** O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens? “Esse direito é consequência da necessidade de viver. Deus não poderia ter imposto um dever, sem ter dado o meio de cumpri-lo.”

**712.** Com que objetivo Deus pôs um atrativo nos gozos dos bens materiais? “Para incitar o homem ao cumprimento de sua missão e, também, para experimentá-lo, através da tentação.”

**a)** Qual o objetivo dessa tentação? “Desenvolver sua razão, que deve preservá-lo dos excessos.”

Se o homem só fosse instigado ao uso dos bens da Terra, tendo em vista a utilidade, sua indiferença talvez pudesse comprometer a harmonia do Universo: Deus lhe deu o atrativo do prazer, que o impele ao cumprimento dos desígnios da Providência. Mas, através desse mesmo atrativo, Deus quis, além disso, experimentá-lo, por meio da tentação, que o arrasta para o abuso, de que sua razão deve defendê-lo.

**713.** Os gozos possuem limites traçados pela Natureza? “Sim, para vos indicar o limite do necessário; porém, pelos vossos excessos, chegais à saciedade e vos punis a vós mesmos.”

**714.** O que pensar do homem que procura, nos excessos de todos os gêneros, um refinamento para seus gozos? “Pobre coitado! Compadeçamo-nos dele e não o invejemos, pois está bem perto da morte!”

**a)** Será da morte física ou da morte moral que ele está próximo? “De ambas.”

O homem que procura, nos excessos de todos os gêneros, um refinamento de gozos coloca-se abaixo do animal, pois este sabe parar, quando satisfeita a sua necessidade. Abdica da razão que Deus lhe deu como guia e, quanto maiores forem os seus excessos, maior preponderância ele dá à sua natureza animal sobre sua natureza espiritual. As doenças, as enfermidades, a própria morte, que são consequência do abuso, são, ao mesmo tempo, a punição à transgressão da Lei de Deus.

## **NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO**

**715.** Como o homem pode conhecer o limite do necessário? “O homem prudente o conhece por intuição; muitos o conhecem por experiência e às suas próprias custas.”

**716.** A Natureza, através da nossa organização, não traçou o limite das nossas necessidades? “Sim, mas o homem é insaciável. A Natureza traçou o limite de suas necessidades por meio de sua organização; os vícios, porém, alteraram sua constituição e criaram para ele necessidades que não são reais.”

**717.** Que pensar daqueles que açambarcam os bens da Terra para se proporcionarem o supérfluo, em prejuízo daqueles a quem falta o necessário? “Eles desprezam a Lei de Deus e terão que responder pelas privações que tiverem causado aos outros.”

O limite do necessário e do supérfluo nada tem de absoluto. A civilização criou necessidades que o selvagem não possui e os espíritos que ditaram estes preceitos não pretendem que o homem civilizado deva viver como o selvagem. Tudo é relativo, e cabe à razão levar em conta cada coisa. A civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade, que leva os homens a se prestar um apoio mútuo. Aqueles que vivem às custas das privações dos outros exploram, em seu proveito, os benefícios da Civilização; apenas possuem, da Civilização, o verniz, como há pessoas que, da religião, só têm a máscara.